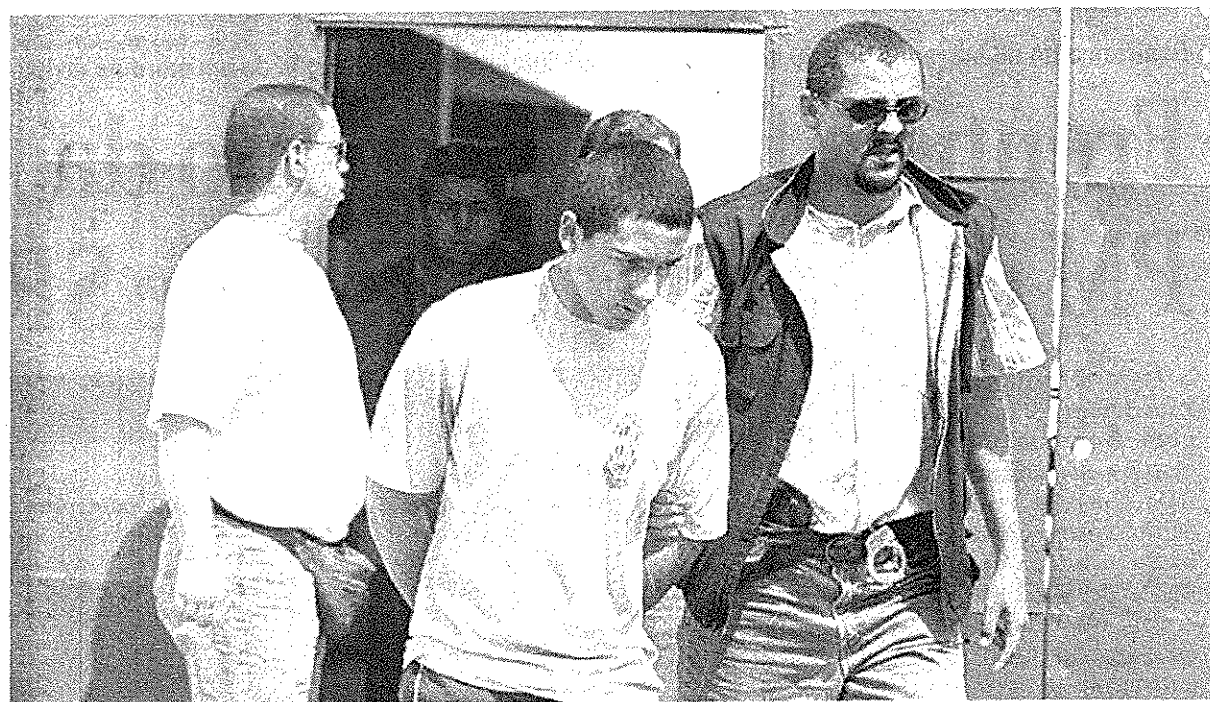


Índio morre e polícia transfere acusados por medo de agressões



Índios e sem-terra fazem protesto em frente ao ponto de ônibus em que Galdino foi morto

Juca Varella/Folha Imagem



O acusado Antônio Novely é transferido de delegacia para o Núcleo de Custódia de Brasília

Juca Varella/Folha Imagem

O índio Galdino Jesus dos Santos, 44 anos, morreu ontem às 2h, em Brasília. Ele havia sido internado após ter sido queimado por cinco jovens. Acusados foram transferidos Núcleo de Custódia da cidade

BRASÍLIA - O índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, 44 anos, morreu às 2h de ontem no Hospital Regional da Asa Norte, onde foi internado às 5h40 de domingo depois de ter sido queimado por cinco jovens enquanto dormia numa parada de ônibus. Ele foi vítima de insuficiência renal e parada cardiorrespiratória. Segundo os médicos, 90% do corpo de Galdino estava queimado.

Ameaçados por outros presos, quatro dos cinco jovens que confessaram ter queimado Galdino foram transferidos ontem para o Núcleo de Custódia de Brasília, onde 750 detentos aguardam julgamento.

Eles ficarão em uma cela isolada por três meses e depois disso devem ser misturados aos demais detentos. Eles têm direito a uma visita semanal e banho de sol diário.

O quinto integrante do grupo, o menor G.N.A.J., 16, continuava ontem na ala de internação provisória de um centro de reclusão de adolescentes.

Essa foi a segunda transferência dos quatro maiores de idade em pouco mais de 15 horas. Anteontem, eles foram retirados da 1ª Delegacia de Polícia porque o delegado temia agressões.

"Os presos têm uma espécie de código de honra. Eles não perdoam os que cometem crimes bárbaros. Além disso, entre os jovens há filhos de gente importante, como juiz", disse o delegado Ângelo Neto, chefe de gabinete do diretor da Polícia

Civil, Teodoro Rodrigues.

Os jovens serão indiciados por homicídio duplamente qualificado (uso de fogo e motivo fútil), por crime hediondo (homicídio cometido por grupo) e por corrupção de menores —estavam com um menor. Os quatro podem ser condenados a até 30 anos. O corpo será levado hoje para a Bahia e o enterro será marcado por um ritual de protesto indígena.

Cerca de 800 sem-terra se juntaram ontem a um grupo de 30 índios em uma caminhada de protesto promovida no centro de Brasília. Com flores nas mãos, os manifestantes foram saudados por motoristas.

No local do assassinato, cinco pataxós parentes de Galdino choraram e fizeram uma cerimônia simbólica em sua homenagem. Ontem, Brasília fazia 37 anos de fundação.

O diretor do IML (Instituto Médico Legal) de Brasília, Eduardo Reis, afirmou que o corpo do índio Galdino Jesus dos Santos foi quase totalmente queimado. "As únicas partes da pele que não foram queimadas e arrancadas eram as plantas dos pés e uma pequena parte do couro cabeludo."

A Funai vai colocar seus advogados à disposição da comunidade dos pataxós e dos familiares de Galdino Jesus dos Santos para que eles possam entrar com um pedido de indenização na Justiça. Hoje, os pataxós terão encontros na Câmara e Procuradoria Geral da República. (Sucursal de Brasília)

"Achei que fosse mendigo"

BRASÍLIA - O estudante Max Rogério Alves, 19, disse ontem que está arrependido de ter atado fogo no índio Galdino Jesus dos Santos. Ele é enteado do ex-ministro do Tribunal Superior do Trabalho, Walter Medeiros e mora em um bairro de classe média de Brasília.

Ele confessou que jogou fósforos acesos sobre o índio. "Achei que fosse mendigo."

Outros três envolvidos no crime moram próximos —os irmãos Tomás Oliveira de Almeida, 18, que também confessou ter jogado fósforos acesos sobre o mendigo, o menor G.N.A.J., e o primo deles, Eron Chaves de Oliveira, 19. Ele disse

em depoimento que foi ele quem jogou o líquido sobre as pernas do mendigo.

Segundo vizinhos de Tomás e do menor, eles nunca demonstraram comportamento agressivo. O quinto envolvido é Antônio Novely Cardoso de Vilanova, 19, filho do juiz federal Novely Reis. A "brincadeira" dos cinco rapazes não foi a única envolvendo jovens de classe média do Distrito Federal. A Secretaria de Segurança Pública iniciou ontem levantamento sobre esse tipo de crime no DF. A polícia investiga outros dois casos de mendigos que foram mortos queimados em junho do ano passado.

(Sucursal de Brasília)

Mulher diz não acreditar na Justiça

PAU BRASIL - A índia pataxó Genilda Rosa Campos, 47, ficou sabendo da morte do marido, Galdino Jesus dos Santos, pelo rádio.

Há 13 meses juntos, eles moravam na área da aldeia da tribo pataxó Hã-Hã-Hãe. O casal não tinha filhos em comum, mas vivia com Ivanilza, 12, filha dele, Maria Rita, 16, e Maria Lúcia, 14, filhas dela. "Não acredito na Justiça, pois os assassinos são de família rica."

A mãe de Galdino, Minervina Maria de Jesus, 58, pediu ao cacique da tribo para adiar o enterro para amanhã, pois quer ficar mais tempo ao lado

do filho. "Não sei se aguentarei ver o corpo do meu filho chegando." Ela toma remédios enviados pela Funai porque tem problemas do coração.

O corpo do índio deve chegar às 12h no aeroporto de Ilhéus (BA). Ele virá de Brasília em avião fretado pela Funai (Fundação Nacional do Índio).

A dona da pensão onde Galdino estava hospedado, Vera Moretti, caiu em contradição ao tentar explicar os motivos que poderiam ter levado o índio a dormir no ponto de ônibus onde foi incendiado. No domingo, ela disse que Santos poderia ter tocado a campai-

nha da pensão às 3h, mas ela não teria ouvido.

Depois, Vera afirmou que Galdino tocou a campainha e que uma funcionária da pensão o atendeu. Ontem, Vera contou outra história. Disse que em nenhum momento havia afirmado que Santos tinha batido em sua porta. Ela não soube dizer por que o índio estava na rua com um cobertor acrílico —semelhante ao que ela distribui em sua pensão.

Ontem, os índios fizeram uma exibição de rituais indígenas em Botafogo (RJ) em protesto contra a morte de Galdino. (Agência Folha)